



Homem luta para ser 'pai e mãe' de criança adotiva

Processo que envolve servidor do TJ-SE corre em segredo na Justiça

Antônio Carlos Garcia
DA EQUIPE JC

O servidor do Tribunal de Justiça de Sergipe, Erundino Prado Júnior, 54 anos, é a primeira pessoa em Sergipe e a segunda no Nordeste, que, ao mesmo tempo, é reconhecido pela Justiça como pai e mãe de uma garota num processo de adoção. De janeiro a abril, ele teve direito à licença maternidade e paternidade, somente para cuidar da garota, cujo nome é mantido em sigilo. Solteiro, Erundino viu na bebê, o seu próprio renascimento, tanto que agora está bem melhor da depressão que o acometia. "Eu era louco para adotar uma criança. Chorei muito, mas como sou apegado a Deus e à Virgem Maria, me foi concedida essa graça da adoção", disse o funcionário do TJ, que é oficial de Justiça.

Para ser pai e mãe definitivos da garota, Erundino, que reside no município de São Cristóvão, na região metropolitana de Aracaju, aguarda, somente, a assinatura do juiz da cidade, Manoel Costa Neto. "Estou muito ansioso, porque isso vai ajudar. Por enquanto, não posso ter um plano de saúde para minha filha, porque as operadoras não aceitam o documento provisório e elas [as operadoras] estão certas. Com a adoção definitiva, ela será cidadã brasileira com todos os direitos", destacou. Como o processo corre em segredo de Justiça, o juiz Manoel Costa Neto disse que não poderia se pronunciar sobre o assunto.

"Essa menina é o complemento de minha vida. Sou pai e mãe dela", disse Erundino ao contar como foi o processo de adoção. "No ano passado,

recebi o comunicado de uma senhora que existia uma criança para adoção. A princípio, fiquei com medo de assumir o lado paterno e materno. Mas assumi a criança e fui ao Ministério Público parar tomar as providências legais para adoção. No Ministério Público (MP), o promotor mandou eu ir para o Conselho Tutelar e depois que tudo foi aprovado pelo MP e levou para o juiz, em novembro de 2012, recebi o termo de guarda".

"Fui agraciado por Deus e pela Virgem Maria, que me concedeu a paternidade e maternidade. Aceitei esse papel por obediência a Deus", diz Erundino, que desde o começo deste processo - de

conhecer a criança até adotá-la - buscou apoio psicológico e já vem dizendo à garota, apesar da tenra idade, que é seu pai adotivo. Erundino mora com uma irmã - Maria Auxiliadora Santos Barbosa - a quem a menina chama de mãe, enquanto que Fátima Pinto - cidadã que cuida dos afazeres domésticos na residência - é a avó adotiva.

Erundino já tem uma experiência com crianças. Ele é padrinho de um garoto, também em São Cristóvão. "Junto com a mãe dele, cuidamos da educação. O garoto já diz que a menina é irmã dele", contou o oficial de Justiça, que se sente feliz e preenchido com a garota. "Sou solteiro, bem solteiro.

Não quero saber de ninguém. Sou livre para educar os meus filhos. Quero que eles sejam doutores, não importa se serão médicos, ou doutores em matemática, português, inglês, não me importa", comentou.

No futuro, segundo Erundino, a menina vai escolher em que quer se formar, como também, qual caminho seguirá em sua vida. "Vou orientar pelo caminho do bem. Já levo a bebê para Igreja Católica, onde frequenta, pois sou muito religioso. Eu era muito sozinho, agora sou muito feliz. Quero que as pessoas adotem crianças, pois a solidão mata. Eu estava depressivo e minha filha me libertou", disse.